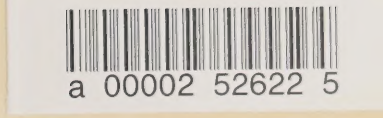
PT2401
.A3
M46
1929

LESSING FABULISTA NA LITERATURA PORTUGUESA

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

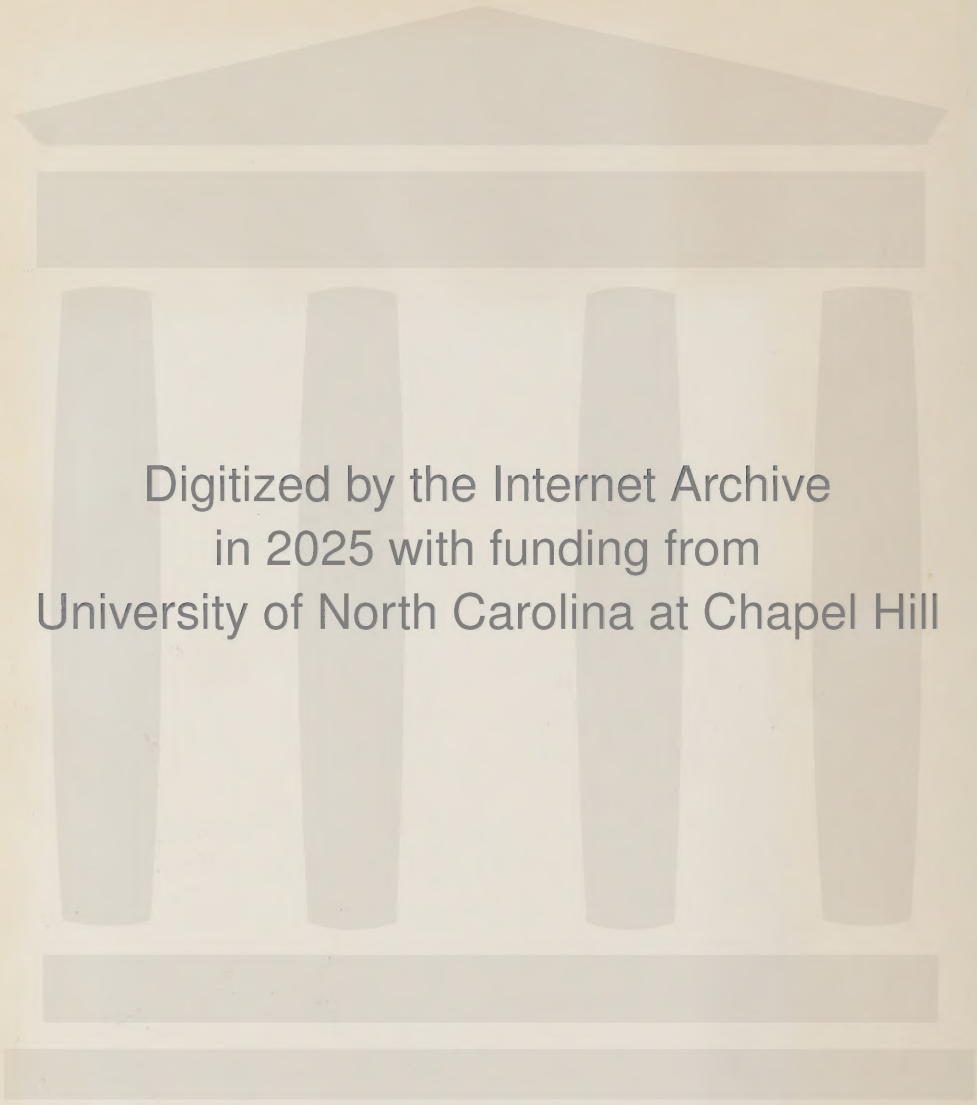
PT2401
.A3
M46
1929


a 00002 52622 5

This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513,
Rev. 1184


Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/lessingfabulista00mend

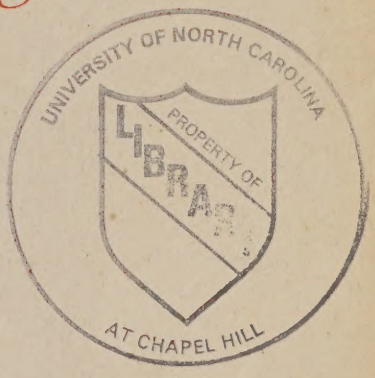
Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra. IV

MENDES DOS REMÉDIOS

Lessing fabulista

na

Literatura Portuguesa



COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA «COIMBRA EDITORA, L.DA»
— AVENIDA DO ARNADO (EDIFÍCIO
: PRÓPRIO) — COIMBRA — 1929 :

2938/35-1303

A Mons. Augusto Ferreira

of. o Admirador e Am.º

Manoel dos Remedios

Coimbra
6. XII. 30

Lessing fabulista na Literatura Portuguesa

Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra. IV

PT 2401
.A3
M46
1929

MENDES DOS REMÉDIOS

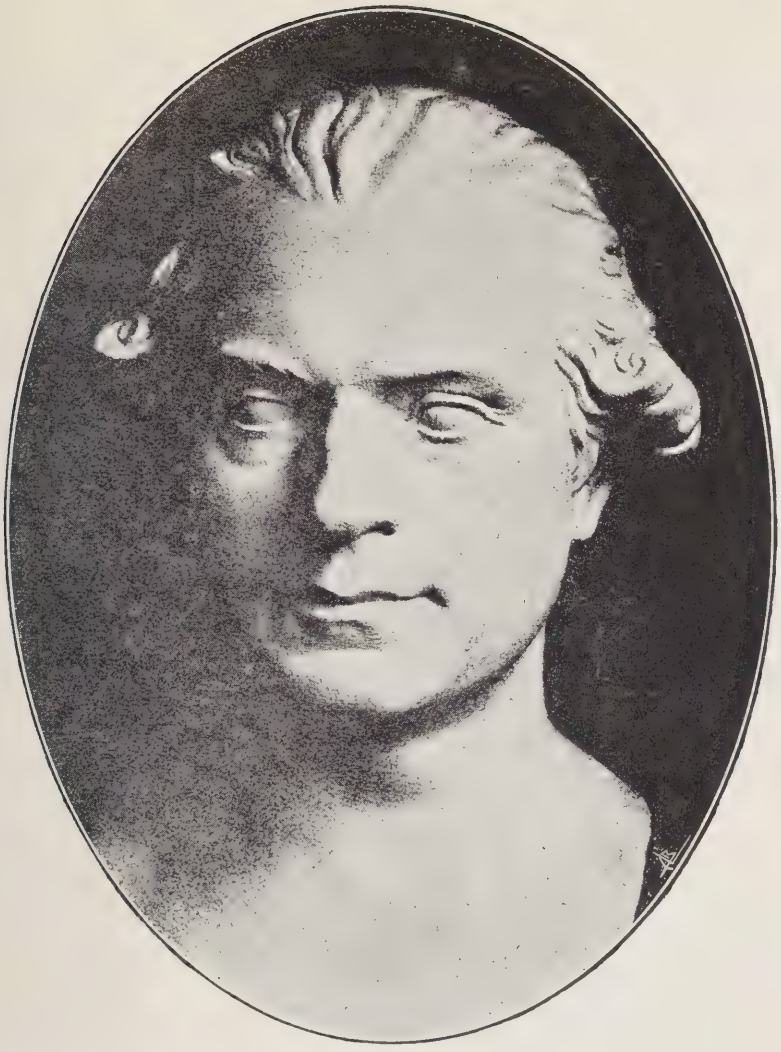
Lessing fabulista

na

Literatura Portuguesa

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA «COIMBRA EDITORA, L.DA»
— AVENIDA DO ARNADO (EDIFÍCIO
PRÓPRIO) — COIMBRA — 1929

(Separata do *Bol. do Inst. Alemão da Univ. de Coimbra*, vol. III)



Busto de Lessing pelo famoso escultor
Christian Friedrich Krull

Lessing fabulista na Literatura Portuguesa [1]

Nenhum espírito culto pode hoje ignorar as obras de Gotthold Ephraim Lessing, não certamente as obras completas — 30 volumes na edição dirigida pelo irmão — nem mesmo as obras principais — de filosofia, de história, de crítica, de poesia . . . — mas uma ou outra que mais se recomende ao ponto de vista de cada um, e em que, qualquer que essa obra seja, se traduza e relampeje um dos múltiplos aspectos sob que possa ser encarado o espírito brilhante de quem a pensou e redigiu.

Da actividade tam fecunda de Lessing ocuparam-se por toda a parte, sobretudo, como era natural, na Alemanha, a propósito do bi-centenário do nascimento, que há pouco decorreu, professores, críticos, eruditos, conferencistas versando os mais variados temas, por ventura os reputados de momento de mais agudo interesse

---

(1) Conferência realizada na Faculdade de Letras no dia 20 de fevereiro de 1929 na comemoração do bi-centenário do nascimento do Poeta que ocorrera no dia 22 do mês anterior.

filosófico, ou simplesmente os de mais viva curiosidade. Na «Academia das Artes de Berlim» o famoso romancista e homem de letras Tomás Mann expôs o assunto *Der Mythos vom Klassiker,* no mesmo dia em que no Reichstag era o porta-voz da assembléa Friedrich Gundolf.

Em Hamburgo Alfred Kerr dissertou sôbre a Dramaturgia de Lessing e o burgo-mestre Dr. Petersen anunciou a criação dum prémio de 15.000 MK. a distribuir trienalmente entre poetas, sábios e escritores alemães, a começar no ano próximo de 1930. Na Universidade tomou a palavra o Prof. Petsch como representante dêsse grande centro de estudos, que é também a cidade de Hamburgo.

Em Leipzig fizeram-se representações adequadas no Teatro Municipal.

O actual bibliotecário de Wolfenbuttel, Dr. W. Hersc, teve a feliz idéa de reünir numa Exposição quantos documentos recordassem «Lessing und seine Zeit», nessa Wolfenbüttel, donde partiram os denominados «Fragmentos de Wolfenbüttel», assinalados na história da Dogmática cristã a traços inesquecíveis, mais pelo imprevisto e pela ousadia, que pela verdade das afirmações.

Não houve jornais nem revistas, de grande ou pequena importância, que lhe não consagrassem artigos. Até a «C.-V. Zeitung», órgão do «Central-Vereins deutscher Staatsburger judischen Glaubens» lhe dedicou número especial em que sam ventilados, conforme era de prevêr, assuntos como «Lessing e Mendelsohn», «Nathan», etc. Na «Vossiche Zeitung» Gloeser pregunta

se Lessing foi poeta: «*War Lessing ein Dichter*»? e Benno v. Wiese analisa o que houve nêle de polemista e de crítico.

E para nada esquecer, Lessing o fabulista, senão ignorado, pelo menos pôsto em segundo plano, autor dêsse voluminho aparecido em 1759, foi trazido à ribalta em linhas, embora sóbrias, pelo Prof. da Universidade de Heidelberg, George Witrowski.

Precisamente ao Fabulista é que nos lembrámos de consagrar, nesta solene comemoração, algumas poucas palavras, no intuito, principalmente, de acentuar as relações que o autor alemão, através desta facêta do seu génio, mantém com a Literatura Portuguesa, ponto indubitàvelmente interessante e, ao que creio, novo e não estudado até hoje.

*

Lessing ocupa neste vasto capítulo literário lugar previlegiado. Vindo depois de tantos outros cultores do género não se confunde com êles. Conheceu a obra de todos desde Esopo e Fedro até o grande mestre Lafontaine, a todos criticou nos «*Abhandlungen über die Fabel*», de 1759, onde quís deixar sôbre a matéria o seu peculiar modo de vêr, que já exemplificara nas primeiras fábulas, que datam de 1753. Lessing dista imenso de quantos o precederam pelo conceito e pela forma, que imprimiu à sua obra.

Para êle a idéa moral e filosófica da fábula é superior a qualquer outra. A concisão e brevidade formavam, sem dúvida, preceitos recomendados desde a antiguidade, mas faltava acentuar essa supremacia da filosofia moral, a que convinha não a poesia, fruto da imaginação, mas a prosa, a expressão pura e simples da verdade, esclarecida por exemplos. Já não sam pequeninas histórias para crianças, diríamos «histórias da Caróchinha», mas conceitos de alto significado político, social, moral, religioso, que sobressaiem pelo vigor e clareza das idéas expressas, ademais, num estilo breve e nervoso, que formam, dizem os seus críticos, autênticos medalhões, abertos por mão firme e segura.

Êste critério de que os adornos da fantasia mais prejudicam e empequenecem a verdade do que a servem quís Lessing acentuá-lo desde a primeira fábula, que é como que uma Introdução a todo o livro, e a que êle pôs o nome de «*Die Erscheinung*», a Aparição. O poeta imagina-se perdido no mais escuro retiro dum bosque, só, junto duma fonte, que sussurra aos seus ouvidos. Domina-o profundamente a idéa, a concepção das fábulas. Quantas vezes não errara vagabundo por ali prestando ouvido atento ao falar dos animais! O que êle ambicionava então era, à semelhança de Lafontaine, dar a um dos seus contos o mesmo «*leichten poetischen Schmuck*», a mesma graciosa e poética forma. Mas longas meditações nada lhe produziram de aproveitável e quando vai desanimadoramente a retirar-se, eis que lhe surge diante uma aparição fantástica, a Musa da fábula, que lhe diz:

— Para que é êsse trabalho ingrato, bom discípulo?

A verdade precisa da graça da fábula, mas para que precisa a fábula da graça da harmonia? Queres aromatizar o aroma — «*das Gewürze würzen*». Basta que o poeta invente; «a exposição cabe ao narrador singelo, como a moralidade ao filósofo».

A visão desaparece e o Poeta explica que semelhante ficção apenas serviu para mostrar que êle nem é o primeiro, nem será o último a apresentar as próprias fantasias como oráculos duma inspiração divina.

Bem se demonstra pela *Die Erscheinung*, que diriamos inscrita no pórtico dêste palácio de lendas e fantasias, como Lessing julgava o seu propósito inexeqüível. Se a verdade mesma necessita dos adornos da fábula, decerto para com mais clareza se impor, porque negar à fábula os encantos da harmonia? Que estes não prejudiquem a razão de ser da fábula sepultando-a, para assim nos exprimirmos, sob a roupagem dos adornos.

A fábula em si já é poesia, imaginação, inventiva, sonho. E então para que «aromatizar o aroma», ou «salgar o mar», como traduziram os nossos fabulistas? O que Lessing pretende é mostrar a superioridade do espírito sôbre a forma, a letra, dar todo o resplendor à verdade, não sepultar a luz debaixo do alqueire, na frase do Evangelho. E de facto, escrevendo as suas fábulas o autor alemão está longe de ser um sêco apostolizador de idéas e conceitos morais, revelando-se-nos antes como um elegante escritor, de estilo fino, de linguagem impecável. O crítico dos *Abhandlungen* não matou o artista e nas fábulas, como nas obras maiores, Lessing é sempre um mestre de plasticidade intelectual assombrosa.

*

Witrowski assinala o sentido actual e moderno do fabulista. Fala-nos do « *actuelle Lessing* », mas actual e viva é, afinal, sempre e permanentemente a fábula, no que tem de conceito e de filosofia moral aplicável a todos os tempos e a todas as sociedades. O que pode surpreender-nos é a forma, é a maneira que o autor empregou, mais ou menos original, o que quer que seja que lhe é individual e próprio. Em Lessing a parte narrativa da fábula é pequena. Aves, reptis, insectos, árvores, homens, deuses da mitologia, todo êsse mundo favorito de quantos seguiram na esteira de Esopo ou de Fedro, fala, agita-se, representa o papel que lhe distribuiram e . . . em breve se some e desaparece. Eis agora a lição, o conceito, impresso às vezes a ferro em braza chamejante. Scentelha e braza. Digamos com o nosso clássico «luz e calor».

Com efeito, quando lemos *Der Hamster und die Ameise,* o «arganaz e as formigas», por exemplo, não nos é difícil descobrir a sua aplicação ao insaciável capitalista, ao sórdido usurário, cuja única finalidade parece ser entesourar mais, cada vez mais.

Mas a idéa lá está bem nítida na *Cigarra e as formigas* do velho Esopo ([1]), depois repetida na *Cigale et la fourmi*

([1]) N.º 336 da ed. de E. Chambry — *Ésope*, Paris, 1927.

de Lafontaine (1). O que é novo, o que é imprevisto, o que seduz e atrái é ver como Lessing olhou a fábula, como encarou, digamos, a diligência da formiga e, portanto, como moraliza, vindo a pôr na bôca do arganaz a seguinte sentença: «é muitíssimo bem feito que os homens cavem e esvasiem os teus celeiros e façam pagar com a vida a insaciável cobiça: *deine Scheunen ausleeren und dich deinen räuberischen Geiz mit dem Leben büssen lassen*» (2)! Como estamos longe do — «*Eh bien! dansez maintenant*» do escritor francês.

*

E bem, pregunto agora — foi Lessing conhecido em Portugal (3)? Lessing fabulista foi conhecido em Portugal, traduzido através não de qualquer fácil texto francês ou espanhol, mas directamente do próprio original. Há em Portugal dois autores que nos deram toda ou quási toda a obra do Fabulista alemão — João Felix Pereira e o Visconde de Santa Mónica (Henrique O'neill). Aquele publicou o livrinho *Fábulas de Lessing traduzidas do alemão com o texto original em frente, em Lisboa, 1853, 8.º de*

(1) Liv. I, fab. 1.ª.

(2) *Lessings Sämitliche Werke*, Stuttgart, 1.º vol., pág. 198.

(3) Só encaro aqui o Fabulista. Aliás teria de referir-me à trad. de *Nathan der Weise*, empreendida entre nós por uma Senhora em 1915 — *Nathan o Sábio, poema dramático em 5 actos. Prefácio e tradução do original de Aurora Teixeira de Castro e Gouveia*, Pôrto um vol., de 253 págs.

175 págs., tradução simples em prosa medíocre, onde só a espaços transluz o colorido do original. O segundo tradutor tem outros méritos; a sua versão, não obstante ser literal, é apurada e, por vezes, brilhante conquanto difusa nas imitações em verso que levou a cabo, o que aliás êle próprio reconheceu, pois confessa no Prefácio: «a minha tradução em prosa é, quanto me foi possível, literal; na imitação em verso, procurando conservar a idéa do autor, usei de ilimitada liberdade». O pequeno vol. saíu no Pôrto em 1880 e conta XII — 169 págs. (1). Mais tarde O'neill não é já um tradutor, mas autor, tanto quanto possível, original na idéa criadora, e decerto o é, e completamente na forma rítmica e na combinação estrófica, que não conhece limites (2). Para cada fábula do autor alemão deu o nosso português a competente tradução em prosa e em verso, obrigando-se ao critério, que já conhecemos. Como se aveio?

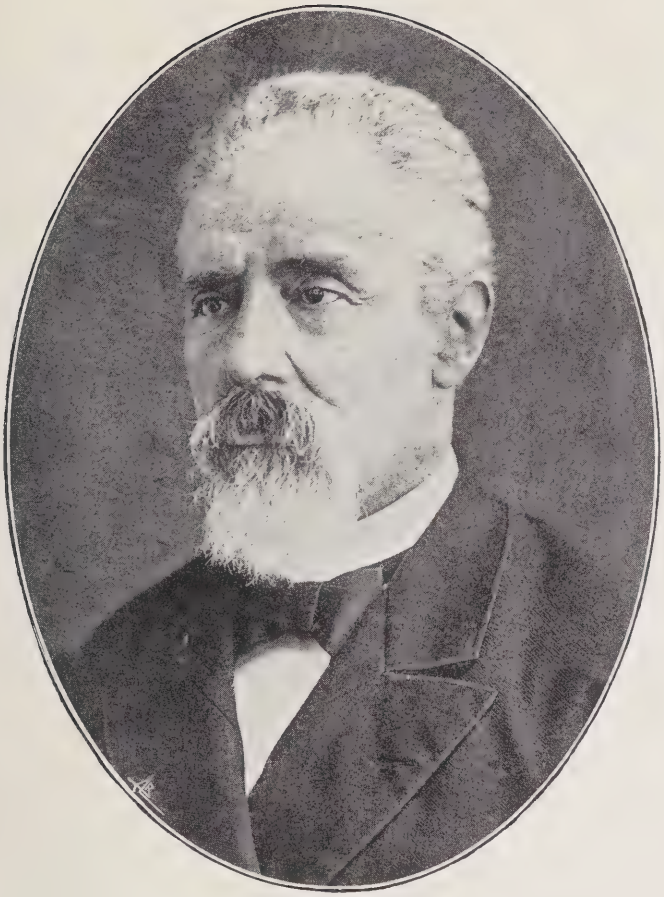
Aqui temos *Der Knabe und die Schlange,* o «rapaz e a serpente» que Lessing encontrou, êle próprio no-lo indica, em Esopo 170 e Fedro, lib. IV, fáb. 18.

Esopo intitula a sua fábula: o «Lavrador e a serpente enregelada», onde Fedro diz «*Homo et colubra*», noutras eds. *Serpens. Misericórdia nociva,* e conta assim:

---

(1) Numa nota o Visconde alude às traduções «primorosamente algumas» feitas por Miguel Eduardo Lobo de Bulhões, mas creio nunca haverem sido publicadas. Não aparece vislumbre delas entre os trabalhos mencionados por Inoc., *Dic. Bibl.*, XVII, s. v.

(2) *Fabulário composto e dedicado a sua Alteza Real o Príncipe D. Carlos por Henrique O'neill, Visconde de Santa Mónica,* Lisboa, 2.ª ed., 1888, 1 vol. de XVII-793 págs.



Henrique O'neill (Visconde de Santa Mónica)
Tradutor de numerosas fábulas de Lessing

HOMO ET COLUBRA

Qui fert malis auxilium, post tempus dolet.
Gelu rigentem quidam Colubram sustulit,
Sinuque fovite, contra se ipse misericors:
Namque ut refecta est, necuit hominem protinus.
Hanc alia quum rogaret causam facinoris,
Respondit: «Ne quis discat prodesse improbis.»

Mais ou menos modificada a fábula estende-se a todas as literaturas. Em Portugal a versão grega entrou com o hoje raríssimo livrinho *Vida e fábulas do insigne Fabulador grego Esopo por Manoel Mendes da Vidigueira* (António Alvarez, 1621, Lisboa), onde pode lêr-se a págs. 22 v. e 23 levemente modificada, o que indica outra fonte utilizada diferente da que serviu ao texto acima citado, o que aliás nada tem de estranho.

Na sua linguagem pintoresca diz Vidigueira:

DO HOMEM E DA COBRA

Na força do chuuoso, & frio inuerno, andaua hũa Cobra fraca, & encolhida; & hum homẽ de piedade a recolheo, agasalhou, & alimentou em quanto ouue frio chegado o verão começouse a Cobra a estẽder, & desenroscar, pello que elle a quis lançar fora, mas ella leuantou o pescoço por mordelo, o que vendo o homem tomou hum pao, assanhouse a Cobra, começaram ambos a pelejar de que resultou ficar ella morta, & elle bem mordido.

MORALIDADE

Diz o Prouerbio. *Por la mano lleua el hombre a su casa com que llore.* Assim aconteceo a este homẽ com a cobra; & acontece a muitos, que no inuerno dos trabalhos, & perseguições querem

ser bons a seus próximos mas elles de ruins, chegando o veram das bonanças, nem o dado agradecem, nẽ o emprestado tornão. Assi he certo agasalhardes às vezes pobre em casa, q̃ ou vos roba, & foge, ou se o despedis, vos doesta, & injuria.

VIDIGUEIRA, Pg. 22 v.-23.

O texto latino de Fedro vulgarizou-se entre nós nas *Fábulas . . . traduzidas em verso dramático . . . por Manoel de Moraes Soares, Lisboa, 1875,* vol. toscamente ilustr., ocupando *Homo et Colubra* a págs. 280, os dois textos português e latino face a face:

. . . . . .
Huma cobra de frio inteiriçada
Hum certo homem do gelo levantou . . .

Ilustração da fábula *O homem e a cobra* na tradução de Morais Soares

Lafontaine traduziu à letra o título: *Le villageois et le serpent,* mas deixou nos pormenores correr

a sua inesgotável fantasia riquíssima (1), como de costume:

LE VILLAGEOIS ET LE SERPENT

Ésope conte qu'un manant,
Charitable autant que peu sage,
Un jour d'hiver se promenant
A l'entour de son héritage,
Aperçut un serpent sur la neige étendu,
Transi, gelé, perclus, immobile rendu,
N'ayant pas à vivre un quart d'heure.
Le villageois le prend, l'emporte en sa demeure;
Et, sans considérer quel sera le loyer
D'une action de ce mérite,
Il l'étend le long du foyer,
Le réchauffe, le ressuscite.
L'animal engourdi sent à peine le chaud,
Que l'âme lui revient avecque la colère.
Il lève un peu la tête, et puis siffle aussitôt,
Puis fait un long repli, puis tâche à faire un saut
Contre son bienfaiteur, son sauveur et son père.
Ingrat, dit le manant, voilà donc mon salaire!
Tu mourras! A ces mots, plein d'un just courroux,
Il vous prend sa cognée, il vous tranche la bête;
Il fait trois serpents de deux coups,
Un tronçon, la queue et la tête.
L'insecte, sautillant, cherche à se réunir,
Mais il ne put y parvenir.

Il est bon d'être charitable:
Mais envers qui? c'est là le point.
Quant aux ingrats, il n'en est point
Qui ne meure enfin misérable.

(1) Fáb. XIII do Liv. VI. Ed. de Felix Lemaistre, Paris, 1866.

Eis a versão do nosso Filinto:

O CAMPONEZ E A COBRA

Mais mavioso, que agudo
Certo Aldeão (conta Esopo)
Á roda do seu prédio passeando,
N'um dos dias de Inverno,
Deu vista d'uma Cobra,
Estirada na néve, entiriçada
Transida, entorpida,
Immovel, que podera,
Ao muito, hum quarto de hora, ter de vida.
Toma-o o Aldeão, e a leva
Mal consid'rado a Casa,
Sem ver que galardão dessa obra pia
Alcance, a aquece ao longo
Do lar, e a resuscita.
Mal que a torpente Cobra o calor sente
Restaura, co'a alma, as iras;
Entôna a fronte, silva,
Arquêa o lombo, e ao Bemfeitor, se enfeita
A atirar-se, de pulo.

ALDEÃO

« Morrerás, » — Justa cólera
Nas mãos lhe embebe huma hacha, que em dous cortes
Tres cobras fez só de huma.
Andão saltando os trôços
No alcance de se unirem, mas falharão.

Bom é ser caridoso,
Mas com quem? Com ingratos?
Bem é que Ingratos miseraveis morrão.

Ed. de 1814, t. 1.º, pág. 203.

Vejamos agora como Lessing retomou a idéa dos mais velhos Fabulistas e como dêles se afastou. *Der Knabe und die Schlang* pode lêr-se na ed. de Hugo Göring, a pág. 208.

DER KNABE UND DIE SCHLANGE

Ein Knabe spielte mit einer zahmen Schlange. Mein liebes Tierchen, sagte der Knabe, ich würde mich mit dir so gemein nicht machen, wenn dir das Gift nicht benommen waere. Ihr Schlangen seid die boshaftesten, undankbarsten Geschoepfe! Ich habe es wohl gelesen, wie es einem armen Landmann ging, der eine, vielleicht von deinen Ureltern, die er halb erfroren unter einer Hecke fand, mitleidig aufhob und sie in seinen erwaermenden Busen steckte. Kaum fuehlte sich die Boese wieder, als sie ihren Wohlthaeter biss; und der gute, freundliche Mann musste sterben.

Ich erstaune, sagte die Schlange. Wie parteiisch eure Geschichtschreiber sein muessen! Die unsrigen erzaehlen diese Historie ganz anders. Dein freundlicher Mann gaubte, die Schlange sei wirklich erfroren, und weil es eine von den bunten Schlangen war, so steckte er sie zu sich, ihr zu Hanse die schoene Haut abzustreifen. War das recht?

Ach, schweig nur! erwiderte der Knabe. Welcher Undankbare haette sich nicht zu entschuldigen gewusst!

Recht, mein Sohn, fiel der Vater, der dieser Unterredung zugehoert hatte, dem Knaben ins Wort. Aber gleichwol, wenn du einmal von einem ausserordentlichen Undanke hoeren solltest, so untersuche ja alle Umstaende genau, bevor du einem Menschen mit so einem abscheulichen Schandfleck brandmarken laessest. Wahre Wohlthaeter haben selten Undankbare verpflichtet; ja, ich will zur Ehre der Menschen hoffen — niemals. Aber die Wohlthaeter mit kleinen, eigennuetzigen Absichten, die sind es wert, mein Sohn, dass sie Undank anstatt Erkenntlichkeit einwuchern.

É a fábula que primeiro foi conhecida em Portugal, pois foi traduzida em 1821 nada menos que por um dos

príncipes do Romantismo, por Garrett, cujo texto não resistimos à tentação de dar a conhecer. É uma tradução ou imitação, escreveu êle, duma composição alemã do século passado, não me lembro de que autor. Veja-se êste texto em que a par da elegância de dizer e do sal e da graça tam lindamente portugueses transparentemente se descobre o texto do imortal Lessing.

O MENINO E A COBRA

C'uma cobra doméstica folgava
Criança innocentinha,
E «Meu bicho» dizia a criancinha;
«Comtigo tam seguro eu não brincava
Se primeiro, o veneno refalsado
Não te houvessem tirado.
Que vós sois muito más, muito ingratonas,
Minhas serpentesonas.
Oh! nunca a tal historia me esqueceu
D'aquelle homem que a cobra achou na rua,
— Talvez fosse avó tua —
E tanto se doeu
De a vêr toda de frio retransida,
Que no seio a metteu
E comsigo a aqueceu.
Que fez a bicha mal agradecida?
Apenas se recobra
A traidora da cobra,
Vae, e zaz! — e mordeu
O pobre homem, que logo da ferida
Venenosa morreu.»

— Bem parciaes, responde-lhe a serpente
São as vossas historias,
O teu homem, que tens por caridoso,
Creu realmente a cobra já finada,
E foi por cubiçoso

Almeida Garrett
O primeiro tradutor duma fábula de Lessing

Da pelle, que era linda e mosqueada,
Que o teu santinho d'home' a quiz salvar:
Era para a esfolar.—

«Vae-te» responde em cholera o menino,
«Vae-te, bicho mofino:
Todo o ingrato é ladino
Para se desculpar,
E ao seu bemfeitor calumniar.»

O pae da criancinha, mui contente
Toda esta conversa ouvindo esteve;
E — «Pois, meu filho» disse honradamente
Julgaste como deve
Todo homem de bem:
Mas é preciso em tudo ser prudente,
E injusto com ninguem.
Ha casos de tam feia ingratidão,
Que a razão
Não se atreve
A crê-los, sem exame, assim de leve
Raras vezes a ingratos obrigaram
Os que são verdadeiros bemfeitores;
Mas o mundo, meu filho, por desgraça,
Farto está cheio de ruins Mecenas,
De falsos protectores,
Que a detestavel raça
Dos ingratos no mundo propagaram,
Arratados favores,
Inda menos baratos
Que interesseiras sordidas onzenas,
O que hão de produzir, senão ingratos?

Obras completas, 1904, II, pg. 175.

Por seu lado O'neill traduziu:

A CREANÇA E A SERPENTE

Com uma cobra sem veneno
Brincava um rapaz pequeno:
«Minha amiga, lhe diz elle,
Não fiava a minha pelle
Eu de ti,
Se veneno inda tivesses;
Pois ouvi,
E não sei se tu conheces,
Certo caso d'uma cobra,
Que de sobra
Prova bem,
Quanto ingratas vócês são.
É o d'aquelle aldeão,
Que até nas fábulas vem
Que apanhou com sua mão
A serpente enregelada,
Quasi sem vida no chão,
E a trouxe agasalhada,
Sem receio,
No seu seio:
Mas, apenas a malvada
Torna a si pelo calor,
Morde no seu bemfeitor,
Que morreu de tal dentada.»
— «Assim contam, já sabia,
Diz a cobra, essa mentira:
Mas deixa que eu te refira,
Como o caso se passou:
O tal velho o que queria
Era a pelle tão pintada
Da serpente enregelada:
Foi por isso que a levou
Para, muito a seu vagar,
Lá em casa a esfolar,
E a linda pelle vender.
Vê lá se tal proceder
Mostrava bom coração!»

— «Cala-te ahi, isso são
Razões de máo pagador;
Diz o rapaz com calor:
Os ingratos sempre têm
Razões com que desculpar
Sua negra ingratidão.»
— «Bem, meu filho, muito bem!
Disse o pae, que a escutar
Estava com attenção;
Mas, se ouvires accusar
Alguem de ter sido ingrato:
Antes de o acreditar,
Tem cuidado de indagar,
Como bem se deu o facto,
Porque não julgues de leve
Pois, manchar ninguem se deve
Com a infamia d'um tal acto.
Eu não julgo tão perdida
A honra na humanidade,
Que se encontre essa maldade
Muitas vezes repetida.
Creio sim, que os bemfeitores,
Quando o são
Do coração,
Algum d'esses offensores
Raras vezes tem achado:
Mas, aquelle que levado
Só do int'resse seu mesquinho
A' desgraça estende a mão,
Não se queixe d'esse espinho
A que chama ingratidão.»

Fáb., *ob. cit.*, pág. 91.

Confrontando a narrativa alemã com as suas predecessoras vê-se quanto ela se distancia. Se notarmos Lessing como mais difuso que Esopo ou Fedro, quanto o não veremos mais conceituoso que êles!

A moralidade tem mais profundeza, mais largo sentido, outra e mais rigorosa aplicação. *Der Knabe* opõe-se justamente a Camponês. Diminui a inverossimilhança. Em vez do *villageois* de Lafontaine, já velho, já experimentado, a quem logo saltaria à vista o perigo, eis simplesmente o rapaz, a criança (O'neill), o menino (Garrett), para quem todo o perigo era sem pêso naquele primeiro impulso de sentimento. Mas considere-se sobretudo o epílogo, a moralidade. O que leva o camponês ao seu acto de consideração não é a condolência da alma, é a cobiça criminosa. Apanha a cobra tiritante de frio não para lhe dar vida, mas para lhe aproveitar a péle nova e multicolor. Tal, pelo menos, o juízo da cobra, que o rapazinho indignadamente condena:

. . . . . .
Vae-te bicho mofino
Todo o ingrato é ladino
Para se desculpar
E ao seu bemfeitor caluniar.

É agora o pai do rapazinho quem acode:—*Recht, mein Sohn*... Tens razão, meu filho, mas quando te contarem alguma ingratidão notável indaga bem todas as circunstâncias, primeiro que deixes desonrar alguém com tam abominável mancha... Bemfeitores com fins interesseiros só merecem ingratidão.

Lessing não se contentou, pois, com a condenação simples e formal da cobra e faz-nos mentalmente assistir ao seguinte diálogo:

A COBRA: — Mente a fábula! Não foi condoído da cobra que o camponês a levantou, enregelada, do caminho onde se lhe deparara. O que êle logo vislumbrou foi o negócio que ia fazer com a péle do desgraçado animal, péle de côres variegadas, a excitar-lhe a febre do lucro, que ia render-lhe. É mentirosa a fábula.

O RAPAZ: — Quê? O que tu pretendes é simplesmente esconder e desculpar o teu crime de negra ingratidão. Sempre assim foi. Agravas com a desculpa o crime que praticaste.

O PAI DO RAPAZ: — A ingratidão é uma acusação que avilta e desonra. Torna-se preciso saber se é com justiça que se irroga a alguém. E decerto, os bemfeitores que contam com os lucros do seu benefício não sam dignos de reconhecimento.

Assim o que impressiona mais directamente em Lessing não consiste pròpriamente na intriga ou no entrecho da narração, mas na lição das suas fábulas em regra pequenas e resumidas, como as dos seus predecessores. O que êle quere inculcar sam exemplos, moralidades, pensamentos altos de educação, simples, intuìtivos, perfeitos, o que de facto consegue, em algumas poucas linhas incisivas, cortantes e luminosas.

Vejamos outros exemplos:

DER SPERLING UND DER STRAUSS

Sei auf deine Groesse, auf deine Staerke so stolz, als du willst, sprach der Sperling zu dem Strausse. Ich bin doch mehr ein Vogel als du. Denn du kannst nicht fliegen; ich aber fliege, obgleich nur ruckweise.

Der leichte Dichter eines froelichen Trinkliedes, eines kleinen verliebten Gesanges ist mehr ein Genie als der schwunglose Schreiber einer langen Hermanniade.

Ob. cit, 203.

que O'neill traduziu belamente:

O PARDAL E O ABESTRUZ

«Embora sejas immenso,
Não apanhas meu incenso,
Abestruz, disse o pardal:
Isso de mui pouco val,
Já que não pódes voar.
Nem é difficil provar
O que é visto a olho nu:
Sou mais ave do que tu.
Sei voar, e tu não voas
Por mais que as asas magôas.
Não vou alto, isso é verdade;
Mas vou com celeridade,
Aos sacões cortando o ar,
Porque, emfim, posso voar.»
O mais fraco trovador
Que singelamente canta
O seu bem sentido amor,
Ou me encanta
Com versinhos engraçados
Breves momentos, passados
Entre amigos num festim,
Para mim
Tem mais talento
Do que um auctor somnolento
De immensa Jeremiada,
Que por fim
Não vale nada.

Ob. cit., 80.

Valem uma longa crítica estas poucas linhas. A graça alada, simples, espontânea, duma pequena poesia

é superior às longas e pesadas locubrações, sejam elas traduzidas em infindáveis poemas enigmáticos. Outra fábula:

DER PFAU UND DER HAHN

Einst sprach der Pfau zu der Henne: Sieh einmal, wie hochmuetig und trotzig dein Hahn einhertritt! Und doch sagen die Menschen nicht: der stolze Hahn, sondern nur immer: der stolze Pfau.

Das macht, sagte die Henne, weil der Mensch einen gegruendeten Stolz uebersieht. Der Hahn ist auf seine Wachsamkeit, auf seine Mannheit stolz; aber worauf du? — Auf Farben und Federn.

Ob. cit., 228.

ou na tradução do nosso poeta:

O PAVÃO E O GALLO

«Como alli vem presumpçoso
O teu dignissimo esposo!
Disse o pavão à gallinha,
Mostrando o gallo, que vinha
Caminhando; mas vaidoso
O homem jámais lhe chama;
Isso não,
Essa má fama
Pertence só ao pavão...»
— «A razão,
Disse a galinha,
Qualquer pateta advinha:
Meu marido
Destemido,
Vigilante e vigoroso,
(E com isto não acabo)
Bem pode ser orgulhoso
D'esses meritos que tem;
Mas tu, pavão, d'onde vem
Tanto orgulho? — Do teu rabo.»

Ob. cit., 148.

Á vaidade balôfa e ôca contrapõe-se a que assenta nalguma razão e tem por êsse facto um lado defensável. Aquele intraduzível *Mannheit* explica todo o orgulho do vigilante galo.

Queremos ver agora uma finíssima satira a episódios, que se repetem tantas vezes nas nossas salas, nas reüniões literárias do dia a dia da sociedade? Leia-se:

DIE NACHTIGALL UND DER HABICHT

Ein Habicht schoss auf eine singende Nachtigall. Da du so lieblich singst, sprach er, wie vortrefflich wirst du schmecken!

War es hoehnische Bosheit, oder war es Einfalt, was der Habicht sagte? Ich weiss nicht. Aber gestern hoert' ich sagen: Dieses Frauenzimmer, das so unwergleichlich dichtet, muss es nicht ein allerliebstes Frauenzimmer sein! Und das war gewiss Einfalt!

Ob. cit., 201.

e em O'neill:

O MILHAFRE E O ROUXINOL

Um rouxinol, que cantava,
Encantava
Todos em roda de si.
«Com tanto gosto te ouvi,
Um milhafre lhe gritou,
Que imagino que também
Has de saber muito bem.»
Num instante o devorou.
Seria o dito maldade?
Seria simplicidade
O que o milhafre dizia?
Eu não sei: mas noutro dia,
Em brilhante sociedade,

Junto a mim dizer ouvia:
Aquella dama formosa,
Que faz versos,
Que faz prosa,
Com talentos tão diversos,
Muito amável deve ser,
De certo, no conviver:
E este dito em verdade
Só era simplicidade.

Ob. cit., 71.

Aos seus compatriotas que se lançavam cegamente no caminho de imitação de estranjeiros sem valor dirige-lhes o autor esta lição, apontando antes o caminho da originalidade:

DER AFFE UND DER FUCHS

Nenne mir ein so geschicktes Tier, dem ich nicht nachahmen koennte! so prahlte der Affe gegen den Fuchs. Der Fuchs aber erwiderte: Und du, nenne mir ein so geringschaetziges Tier, dem es einfallen koennte, dir nachzuahmen.

Schriftsteller meiner Nation!... Muss ich mich noch deutlicher erklaeren?

Ob. cit., 199.

E em português:

O MACACO E A RAPOSA

« Vê lá se pódes achar
Um animal tão sagaz,
Que no que diz, no que faz,
Eu t'o não possa imitar.»
Disse um mono descarado
A uma velha raposa.

— « E tu, responde a manhosa,
Animal tão aviltado
Vê se pódes encontrar,
Quem sequer tenha pensado
No peccado
De teus momos copiar.»
Genios com dote, tão raro,
De imitar quanto é ruim,
Percebeis qual o meu fim,
Ou hei de fallar mais claro?

Ob. cit., 66.

Enfim Lessing quís um dia castigar a vaidade, o orgulho e a cobiça, que dominavam o labor de Professores seus compatriotas, que tanto se afadigavam, sob a capa do desinterêsse, por conquistar uma cátedra universitária. A realidade sugere-lhe a seguinte lição:

DER ADLER UND DER FUCHS

Sei auf deinen Flug nicht so stolz! sagte der Fuchs zu dem Adler. Du steigst doch nur deswegen so hoch in die Luft, um dich desto weiter nach einem Aase umsehen zu koennen.

So kenne ich Maenner, die tiefsinnige Weltweise geworden sind, nicht aus Liebe zur Wahrheit, sondern aus Begierde zu einem eintraeglichen Lehramte.

Ob. cit., 228.

Que o nosso fabulista traduziu correctamente:

A AGUIA E A RAPOSA

« Não sejas tão orgulhosa
Do teu penetrante olhar,
A' aguia disse a raposa:
Se te ergues em teu voar

Tão alto, é para buscar
Se encontras morto no chão
Algum burro ou algum cão,
Em que te possas cevar.»
Assim muitos tem havido,
Muitos tenho conhecido,
    Que se dão
A estudos aturados,
Não do santo amor levados
    Da verdade,
    Isso não;
Mas só por louca vaidade
Da fama de sabichão.

Ob. cit., 149.

Podiamos ainda citar muitos outros passos, que sam autênticas criações de Lessing.

Mas é forçoso terminar

Fôssem embora imitações parece-nos que o famoso escritor alemão conseguiu o que se propôs quando se determinou a cultivar êste género literário, à primeira vista tam simples e fácil, a saber: — inculcar lições de conduta moral, vasando-as em moldes eloqüentemente persuasivos pela concisão e vigor do estilo. Tem pois razão o Prof. da Universidade de Leipzig, Witkowski, atrás citado, quando escreveu que as fábulas de Lessing não sam histórias para crianças, mas verdadeiramente as mais agudas sátiras políticas, sociais e religiosas, hoje de tanta aplicação como outrora: *sind keine Geschichten für Kinder... schaerfste, politische, soziale, religiöse Satire, heute gültig wie einst.*

Lessing aos 39 anos.
Trabalho à tesoura de Elisa Reimarus
(Hamburg 1768)

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA CHAPEL HILL
00002526225